

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

VERA LÚCIA LORENSON

**BRINCAR É BOM PORQUE...
ARGUMENTOS PRA GENTE GRANDE ACREDITAR**

SÃO LEOPOLDO

2013

VERA LÚCIA LORENSON

BRINCAR É BOM PORQUE...
ARGUMENTOS PRA GENTE GRANDE ACREDITAR

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Ms. Rosane Romanini

São Leopoldo

2013

Agradeço...

A Deus, que me amparava quando eu sentia que estava no limite e não podia mais continuar.

Ao meu esposo por me acompanhar, incentivar, escutar, sugerir e alegrar-se comigo em minhas conquistas.

Aos meus amigos e familiares que, carinhosamente, se dispuseram a participar das entrevistas, fornecendo informações preciosas e compartilhando suas memórias de infância.

À direção da EMEI Dalila Silveira de Oliveira de Sapucaia do Sul - RS, por permitir, gentilmente, que eu observasse as crianças enquanto brincavam.

Às queridas crianças que com naturalidade, satisfação e sinceridade responderam aos questionamentos sobre o que lhes é mais importante: Brincar!

À minha querida orientadora, grande incentivadora do brincar criativo, pela maneira segura e eficaz com que me conduziu em meu trabalho.

Ao encerrá-lo, me percebi mais convicta e apaixonada pelo que o brincar representava na vida de cada criança.

RESUMO

Brincar é imprescindível para a saúde e bem estar da criança e é um direito consolidado. Por falta de investimentos públicos, negligência ou despreparo dos adultos responsáveis pela garantia desse direito, muitas crianças têm sofrido privações de tempo, espaço e condições adequadas, o que restringe o fluir do brincar livre e criativo, tão essencial para um desenvolvimento integral e harmonioso. “As crianças brincam, muitas vezes, apesar dos adultos” (FORTUNA, 2000), isso porque a capacidade de brincar é inata à infância. Entretanto, salientamos que é uma atividade que deve ser planejada, encorajada e estimulada pelos adultos, tendo em vista os valiosos benefícios que ela proporciona. Este trabalho foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica, observações e entrevistas, com o propósito de gerar discussão e reflexão sobre a relevância do brincar na vida das crianças enquanto promotor de prazer, descoberta, sociabilidade, crescimento intelectual, psíquico, emocional e físico, aspectos tão importantes em suas vivências. Contrapondo-se ao brincar criativo, existe a mídia que influencia comportamentos e valores, incentiva o consumismo, atrai a atenção das crianças por tempo excessivo, deixando-as passivas diante de tantas informações, imagens, cores e sons. A escola, onde muitas crianças passam grande parte do seu dia, tem dilemas a resolver, tais como a integração do brincar em ambientes educativos e a provisão de espaços equipados e próprios para as brincadeiras. Por fim, cientes do caminho a trilhar, queremos assegurar às crianças que fazem parte de nossas vidas, múltiplas oportunidades para as brincadeiras criativas, que brinquem com seus pares, sozinha se preferirem e em nossa companhia.

Palavras-chave: Criança. Brincar. Direito. Sentimentos. Aprendizagem

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 EU QUERO BRINCAR, É MEU DIREITO! - ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE A LEI E A REALIDADE	8
3 PORQUE SIM! PORQUE AS CRIANÇAS GOSTAM DE BRINCAR! - BRINCAR PARA APRENDER A SER, PARA APRENDER A VIVER!.....	17
4 BRINCAR, BRINCADEIRA E BRINQUEDO - UMA RELEVANTE TRANSMISSÃO AOS NOVOS NO MUNDO.....	24
5 NA ESCOLA, VOU APRENDER E POSSO BRINCAR TAMBÉM? - APROXIMANDO EXPECTATIVAS.....	32
6 BRINCANDO COM PALAVRAS, SONS E SENTIDOS.....	36
7 BRINCADEIRAS DE OUTRORA.....	44
8 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Marina e Victória têm 04 anos e são gêmeas. Meninas alegres, falantes, serelepes e, como todas as crianças, gostam muito de brincar.

Outro dia, observando-as brincar de mamãe e filhinha com suas bonecas, logo percebemos como reproduziam cenas do seu cotidiano. Calçaram sapatos com saltos altos, cintos e usavam a bolsa da mãe delas. Já arrumadas, conversavam sobre ir ao centro, comprar um bico para o bebê, arrumar as unhas, pagar contas... De repente o bebê ficaria com a babá, pois estava muito agitado... Perguntamos a elas se o bebê ficaria bem e as meninas nos responderam que sim, pois a babá era muito brincalhona e ele não sentiria saudade. A brincadeira se estendeu por muito tempo, mudando-se os papéis desempenhados, lugares e situações de acordo com a vontade das duas.

As crianças são assim mesmo, se saudáveis, brincam, se tiverem pouco tempo para brincar, reclamam, se tiverem bastante tempo, ainda pedem: “Ah! só mais um pouquinho...” E ainda, se não lhe oferecerem tempo algum, encontrarão, entre uma atividade e outra, subterfúgios que tragam divertimento e aliviem as tensões advindas de um mundo de adultos, que precisa ser desvendado bem como, compreendido qual é o lugar que ocupam neste mundo.

É muito bom que seja assim. Na verdade, é necessário que brinquem muito, a fim de que seu desenvolvimento social, intelectual, psíquico, criativo e físico seja pleno e harmonioso.

Os termos infância, brincar, brinquedo e brincadeiras estão estreitamente ligados. Falar de um, quase sempre é estar referindo-se ao outro, haja vista as implicações existentes entre eles.

As brincadeiras promovem encontros, possibilitam expressão de sentimentos, enfrentamento de medos e desafios e realização de desejos. Além disso, ampliam a capacidade de imaginar, criar, refazer o que deu errado, experimentar, movimentar-se, comunicar-se e compreender o que acontece ao redor. Enfim, é o processo natural do desenvolvimento infantil com qualidade.

As crianças vão se construindo através do brincar, a ludicidade é sua essência. Se negligenciarmos, ou até mesmo ignorarmos, o papel do brincar, no desenvolvimento infantil, estaremos dificultando que potenciais e significativas experiências de aprendizagens aconteçam.

Pautados nestes entendimentos é que se desenvolveu este trabalho. O objetivo primordial é gerar reflexão, estimular discussão e novos pensamentos a respeito da relevância do brincar para as crianças.

No primeiro capítulo, abordaremos o direito da criança brincar. A legislação existente: Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 20 de Novembro de 1989 e ratificada pelo Brasil em 20 de Setembro de 1990, o ECA, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, fixadas pela Resolução Federal n.º 5, de 17 de dezembro de 2009, dão conta de que brincar é um direito e que, cabe aos adultos, a ação de garantir que o mesmo seja exercido em qualquer contexto que a criança encontrar-se.

Tonucci (2005, p.156) salienta muito bem que: “Esses direitos não foram escritos pelas crianças, não são elas que quiseram. Foi decisão nossa, dos adultos, pensando, provavelmente, que se as crianças não se tornarem tão importantes, nossa sociedade acabará se deteriorando e morrendo”.

Neste capítulo ainda, apresentaremos dados sobre o trabalho infantil no Brasil, bem como as ações empreendidas para a sua erradicação.

No segundo capítulo, o enfoque será os benefícios do brincar para a criança. O brincar, sinônimo de ociosidade, muitas vezes, não é levado tão a sério e compreendido como tempo, espaço e oportunidade para aprendizagens significativas. Contudo, estudiosos do desenvolvimento infantil apontam que o brincar é uma rica experiência cultural, através do qual as crianças se apropriam de conhecimentos que se consolidam na interação com o meio em que estão inseridas.

Em continuidade, os termos brincar, brinquedo e brincadeiras serão amplamente explanados no terceiro capítulo. Conceitos, representações e simbolismos, preferências, mídia, questão de gênero e o patrimônio lúdico serão os aspectos contemplados.

O quarto capítulo responderá a pergunta: Na escola, vou aprender e posso brincar também? A questão que se interpõe é se são compatíveis brincadeiras e ambientes educacionais. Jogo por divertimento? Com objetivo pedagógico? Aula com característica de jogo? Professores que brincam e outros que não. Por quê?

Também não poderíamos deixar de relatar as brincadeiras com palavras, sons e sentidos. Encontramos na vasta literatura infantil, poesias, parlendas, músicas, rodas cantadas e outros, um universo de encantamentos, aporte para a

imaginação, criação, movimento, integração, alegria e divertimento. Esses serão os assuntos do quinto capítulo.

Por fim, baseados em depoimentos de pessoas adultas sobre suas infâncias, apresentaremos as lembranças que os brinquedos e as brincadeiras lhes suscitam no sexto capítulo.

O trabalho será permeado por interlocuções com autores, por imagens de crianças brincando ou não e por falas das crianças entre 05 e 07 anos que, com respostas sugestivas, respondiam às seguintes indagações: Você gosta de brincar? Por quê? De quê? Algumas crianças não podem brincar o suficiente, que recado mandarias para os adultos?

Moyles (2006, p.18) faz um belo convite: “Brinque com as ideias e aproprie-se delas!” As ideias serão apresentadas, o convite está feito!

***2*Eu quero brincar, é meu direito!-Encontros e desencontros entre a lei e a realidade**

É para os adultos deixarem as crianças brincar! (A. B., 07 anos)



Não é para fazer tudo isso que eles estão fazendo. Os adultos são para trabalhar e ganhar dinheiro e as crianças, brincar. (G., 06 anos)

Se perguntarmos aos adultos se as crianças devem brincar, por unanimidade, responderão que sim, as crianças devem brincar. É seu direito. Se ampliarmos o questionamento perguntando por quanto tempo e quais as condições a serem oferecidas, possivelmente, aparecerão discordâncias.

São muitos os motivos que levam ao cerceamento desse direito. Entre estes podemos destacar a indisponibilidade de tempo por parte da família, o excesso de atividades extracurricular até o trabalho infantil.

Será que eles (adultos) não têm respeito! (Á., 06 anos)

Curtis (2006, p. 44) faz a seguinte declaração: “No mundo todo, os pais aceitam o fato de que as crianças brincam, mas poucos realmente acreditam que essa é a maneira pela qual seus filhos aprendem”. A autora ainda diz que: “Para a maioria deles (os pais), o brincar é visto como algo que as crianças fazem para se manter ocupadas enquanto os adultos estão ocupados em outro lugar (p. 49)”.

Os adultos têm que brincar com as crianças! (P., 06 anos)

Pensar o brincar como a atividade principal da rotina infantil que demanda tempo, espaço, disponibilidade, ambiente adequado e oportunidade para que ela aconteça, é uma questão ainda a ser amplamente debatida por adultos, inclusive entre os educadores. Isso deve ocorrer para que se gere novos entendimentos a respeito dos benefícios do brincar na infância enquanto processo de desenvolvimento integral e saudável da criança desde o seu nascimento.

Bem, e se perguntarmos às crianças? Decididamente, escutaremos que sim, não titubearão ao responder que devem brincar. E como poderiam ter dúvidas? As crianças gostam de brincar, é uma atividade que lhes dá prazer; devem brincar. A brincadeira proporciona motivação, divertimento, crescimento emocional, oportunidades de relacionamentos, descobertas, oferecendo um espaço genuíno de aprendizagens significativas.

Tem que deixar as crianças brincar. Sempre feliz para brincar. (J., 07 anos)

Ao questionarmos algumas crianças com idade entre 05 e 06 anos, da rede pública municipal de Sapucaia do Sul a respeito do porque gostavam de brincar, obteve-se, entre outras, as seguintes respostas:

“Eu gosto de brincar porque... Porque é bom. É muito legal e divertido. Porque daí se diverte. Porque aproveito enquanto sou criança. É porque quando eu nasci eu gostei de brincar. Porque não tem coisa mais divertida”.

Por mais hostil que seja o ambiente, havendo um pequeno espaço de tempo, a criança brinca; brinca com pedras, madeiras, sucata, animais e outros. Ela deseja, busca, cria o brinquedo e inventa a brincadeira. É de sua natureza.

Brincar combina com parques, praças, áreas ao ar livre, ambientes domésticos e institucionais. Além disso, é sinônimo também de crianças sorrindo, interagindo, descobrindo e crescendo em conhecimento.

A brincadeira serve para proporcionar experiências, sensações, múltiplos movimentos, contato com a natureza, constituição de vínculos afetivos entre os sujeitos, sendo agente de socialização. É uma atividade própria da infância, ao mesmo tempo em que se divertem, as crianças estão aprendendo. Isso já é fato comprovado.

Então: Por favor, deixa eu brincar? (C., 04 anos)

A extensa literatura a respeito do brincar na infância apontado, nas palavras de Moyles (2006), para a potencial contribuição do brincar para o desenvolvimento e para a aprendizagem das crianças.



Deixem a gente brincar! (H., 07 anos)

Sendo assim, já não é possível atentarmos para outra direção que não seja a potencialização das atividades lúdicas na infância, disponibilizando objetos variados em ambientes favoráveis. Isso, com certeza, culminará no desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e linguísticas das crianças.

Observando as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, fixadas pela Resolução Federal n.º 5, de 17 de dezembro de 2009, encontramos no Artigo 4.º, a definição de crianças como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

As mesmas diretrizes determinam no Artigo 6.º que as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar entre outros, o seguinte princípio: “Estético: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais”.

E, que as Práticas pedagógicas da Educação Infantil que compõem a proposta curricular, Artigo 9.º, devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras e garantir experiências que:

- Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.
- Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura.

A criança é uma pequenacidã, logo,tem direito à proteção, cuidados, saúde, alimentação,ludicidade, entre outros.Interessa-nos aqui especificar o direito de brincar, ressaltando que o mesmo é tão importante quanto os demais e por isso garantido em lei.

Ao examinarmos a legislação a esse respeito, encontramosnaDeclaração dos direitos da Criança, adotada pela Assembléia das Nações Unidas, de 20 de novembro de 1959, nos princípios04 e 07, que a criança terá o direito à recreação. Além disso, terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.

A Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 20 de Novembro de 1989 e ratificada pelo Brasil em 20 de setembro de 1990, reafirma esse direito conforme o artigo 31. Ainda consta que os Estados-Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística.

Neste mesmo ano, no Brasil, é aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA – Lei Federal 8069/1990, com orientações nos Artigos 4º, 16, 59 e 71. No estatuto, fica estabelecido como um dever da família, da sociedade em geral e do poder público garantir, como absoluta prioridade os direitos da criança e do adolescente, incluindo o direito de brincar, praticar esportes, ao lazer e a diversão.

Ao analisar a legislação que ampara a criança quanto aos direito de brincar, Redin (1998, p. 57) salienta que: “As determinações legais são claras e amplas: o direito ao brincar é um dos direitos da cidadania entre outros. Todos importantes! O brincar, por seu lado, vem acompanhado dos direitos à cultura, à arte, ao esporte e ao lazer”.

Não nos restam dúvidas de que brincar é um direito, que precisa ser respeitado em qualquer contexto que as crianças se encontrem. Cabe aos adultos que as cercam o dever de possibilitar o exercício desse direito.

Então nos perguntamos: Está sendo garantido o direito da criança para brincar? A sociedade tem se mobilizado para esse fim? A escola tem se conscientizado do seu papel enquanto educadora e multiplicado essa concepção? O que a realidade tem nos mostrado? Porque as crianças estão brincando cada vez menos?

Tonucci (2005) relata trabalhos realizados em algumas cidades da Itália e, posteriormente, na Argentina e na Espanha, a fim de dar voz às crianças. O objetivo desses trabalhos realizados por autoridades, Instituições e pessoas interessadas era escutar as crianças para, a partir disso, atendê-las e tornar a cidade mais humana e habitável para as mesmas. Foi constatado que o desejo das crianças era encontrar outras crianças, ter espaços livres para brincar, caminhar em ruas mais bonitas e menos perigosas, participar da vida da cidade, adquirir autonomia e aprendizagens mais construtivas e significativas.

Ora, o que as crianças italianas estavam sentindo e desejando não é diferente de tantas outras crianças. Basta indagarmos que nos certificaremos. Contudo, contrapondo-se ao estabelecido em lei, muitas crianças quase não podem brincar ou estão brincando cada vez menos.

Em nosso país e, em muitos outros, muitos espaços deixaram de ser livres e/ou adequados para as crianças, dando lugar às construções, transportes, ou seja, atendendo os adultos produtivos. Sendo assim, são diversos os motivos que levam as crianças a serem privadas de seu direito de brincar ou a um entretenimento sem qualidade, entre esses, podemos destacar:

- a) As crianças não brincam na rua, nas praças e em parques, porque estes espaços deixaram de ser seguros e as famílias, cada vez mais, se enclausuram dentro de suas casas com medo da crescente violência urbana;
- b) A família, com grande parte do seu tempo destinado ao mercado de trabalho, já não investe em brincadeiras com seus filhos, delegando à televisão, computador e vídeo games a função de companhia e divertimento das crianças. Atrações solitárias que substituem as atividades grupais e outras atividades ao ar livre, nas palavras de Hislam (2006);

- c) atividades extracurriculares em demasia tais como esportes, danças, música, estudo de outro idioma, entre outras, preparando a criança para fases da vida posteriores a que está vivendo;
- d) falta de sensibilidade, disposição e conhecimento sobre a importância do brincar para o desenvolvimento saudável da criança, por parte dos responsáveis por ela, também se constitui em um empecilho para que seja agregado valor ao processo do brincar;
- e) por fim, o trabalho infantil, uma forma cruel de destituir a infância, ainda acontece, não só no Brasil, como no mundo inteiro, com a anuência da sociedade e do poder público, o qual deveria fiscalizar e fazer cumprir a legislação aprovada.

Tonucci (2005, p. 200), ao referir-se às condições em que muitas crianças são submetidas, quanto ao tempo e espaço para brincar, enfatiza:

As crianças passam a maior parte de seu tempo em espaços fechados, nos quais desenvolvem atividades programadas e controladas por adultos, tem uma mobilidade autônoma extremamente limitada e atrasada em relação a sua idade; frequentemente não tem irmãos ou irmãs e não tem a possibilidade de procurar amigos de forma autônoma; em suma, elas sofrem de uma nova “patologia” infantil típica de países desenvolvidos e dos ambientes urbanos: elas sofrem de solidão.

Quanto ao trabalho infantil, as imagens abaixo, chocantes e indesejáveis aos nossos olhos, são reais e denunciam que os direitos de muitas crianças estão sendo infringidos.

Ilustração 1 - Crianças pedindo esmolas



Fonte: Absurdos!!... (2010)

Ilustração 2- Criança trabalhando



Fonte: Bittencourt Júnior (2008)

Ilustração 3- Criança trabalhando



Fonte: Campana (2011)

Ilustração 4- Criança trabalhando



Fonte: Criança...(2012)

O trabalho infantil não é recente em nossa sociedade. A desigualdade social, provocada pela concentração de riquezas para poucos e pobreza para muitos, é a principal razão que impulsiona o trabalho em idade precoce, conforme comprovam pesquisas realizadas. A necessidade de sobrevivência e/ou de complementar a renda familiar afasta a criança da escola, expondo-a a condições insalubres, perigosas e degradantes. São seres humanos em desenvolvimento que tem seus direitos mais elementares violados.

Este assunto tem sido tema de pesquisas, fiscalizações e abordado pela mídia em geral. Em 2005 foi lançado o filme “Crianças invisíveis”, que aborda as múltiplas facetas da violência contra as crianças, em sete curtas metragens. No filme foram apresentados, em diferentes contextos sociais, diversas e cruéis formas de anular a infância. São crianças-soldados que lutam em conflitos políticos, étnicos e econômicos, filhos de pais alcoólatras e agressivos que as obrigam a roubar, discriminadas por serem órfãs, filhas de usuários de drogas, aliciadas para o trabalho escravo e desprezadas por famílias totalmente desestruturadas que as obrigam buscar refúgio nas ruas.

Reportando-se ao Brasil, o filme abordou o cotidiano de duas crianças catadoras de lixo, um menino e uma menina, entre 08 e 10 anos, que passavam o dia inteiro na rua, com um carrinho emprestado, em busca de materiais descartados para vender. Enfrentar o trânsito perigoso, intempéries, disputa de espaço para trabalhar, exploração na hora de receber o que se tem por direito, escassez de alimentos, eram as situações demasiadamente adversas que as crianças passavam.

Entretanto, o que não podemos deixar de perceber nas imagens exibidas, que apesar da dura realidade, entre uma atividade e outra, brotava um sorriso e uma

disposição para brincar. Isso porque o desejo e a capacidade de brincar é totalmente intrínseco e irrenunciável para as crianças.

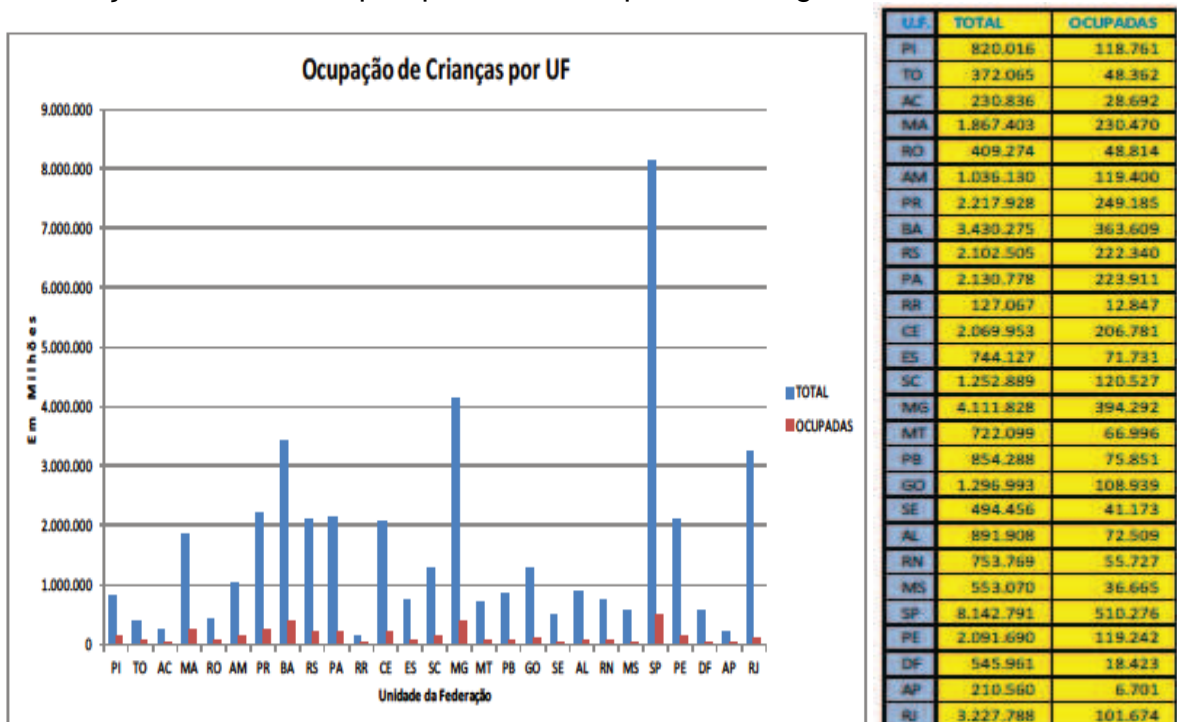
A partir do que é exposto no filme, constatamos que a infância que vem sendo roubada não se resume somente a de países em desenvolvimento e subdesenvolvidos, caracterizados pela pobreza e falta de condições adequadas de sobrevivência, também nos países desenvolvidosvem ocorrendo. Visíveis são a omissão, negligência e fraqueza dos adultos diante dessa realidade.

A Cartilha sobre o Trabalho Infantil, publicada pelo Ministério do Trabalho e Emprego aponta as razões pelas quais as crianças não devem trabalhar. Entre elas, é citado que afeta o desenvolvimento físico e mental da criança, com riscos constantes à sua saúde e sua vida:

Provoca a tríplice exclusão, que consta de: na infância, quando perde a oportunidade de brincar, estudar e aprender, na idade adulta, quando perde oportunidades por falta de qualificação profissional e por fim, na velhice pela consequente falta de condições dignas de sobrevivência.

Os dados abaixo, apurados recentemente, dão conta de que ainda existem no Brasil cerca de 3,7 milhões de crianças e adolescentes, com idade compreendida entre 05 e 17 anos, trabalhando.

Ilustração 5 - Dados da pesquisa nacional por amostragem domiciliar do IBGE, 2011



Fonte: Brasil (2012)

Conforme informações da Secretaria de Inspeção do Trabalho - MTE, os focos de ocupação do trabalho infantil se encontram na construção civil, agricultura, pós-colheita, pecuária, comércio, coleta e seleção de lixo, pesca, produção de carvão, fabricação de farinha de mandioca, doméstico, limpeza, olarias, restaurantes e similares, trabalho prejudicial à moralidade e muitos outros. Todavia, algumas ações do governo brasileiro estão sendo feitas para a erradicação desse trabalho de acordo com a Cartilha sobre o trabalho infantil. A seguir, destacaremos essas ações:

Direcionado às crianças e adolescentes com idade inferior a 16 anos em situação de trabalho, foi instituído pelo governo brasileiro, o PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, cujo programa constata ações de transferências condicionadas de renda, bem como ações sócioeducativas, de convivência e a manutenção das crianças na escola.

Também foi criada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, no âmbito do governo federal, a *CONAETI*-Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil – tendo como principal objetivo, a elaboração e o monitoramento do Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção do Trabalhador Adolescente. Além disso, a fim de revelar e mapear focos de trabalho infantil são realizadas operações fiscais periódicas por auditores fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego.

Por fim, existe uma rede de proteção à criança e o adolescente que é composta por órgãos dos governos federal, estadual e municipal que têm relação com o tema: Conselho Tutelar, Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, Ministério Público e organismos internacionais.

Apesar da legislação vigente, dos acordos assinados e da repulsa internacional, não têm sido suficientes as fiscalizações e conscientizações para que haja a erradicação da utilização da mão-de-obra infantil.

Diante o exposto, ainda permanece a reivindicação de milhares e milhares de crianças em todo o mundo dizendo: Eu quero brincar, é meu direito!

Deixem as crianças brincar, senão, elas vão ter um fim triste! (P., 06 anos)

3 Porque sim! Porque as crianças gostam de brincar! -Brincar para aprender a ser, para aprender a viver!

"Não há nada de mais prestante em nós senão a infância. O mundo começa ali".

Manoel de Barros

Brincar é coisa de criança e é coisa séria! As crianças brincam, gostam intensamente de brincar, isso é o que as caracteriza. Faz parte da sua natureza desejar o brinquedo, atentar para coisas simples e encantar-se, olhar para seus pares de forma convidativa para partilhar o que tem e oferecer a troca.



..."cuidar das crianças significa mantê-las em contato com o universo natural de que são parte (Tiriba, 2010)".

Porque é divertido, a gente arruma amigos. (M. 05 anos).

Pensar na infância é isso. É trazer à memória a alegria, o riso fácil despreocupado, o divertimento sem hora para acabar e o lado leve e saudável da vida.

Por causa que eu gosto. Por que as crianças brincam. (E., 05 anos)

Muito bom e desejável que pudesse ser assim para todas as crianças, que pudessem viver seu tempo de forma plena, usufruindo de algo que é seu por direito, o direito de brincar. Ser criança é para ser feliz!

Historicamente, a criança tem ocupado diferentes lugares na sociedade, e o sentido do brincar também foi se modificando, embora tenha sido sempre considerado como uma atividade específica da infância. As brincadeiras, por sua vez, são universais, estão na história da humanidade ao longo dos tempos e fazem parte da cultura de um país.

Brincar é uma rica experiência da cultura que atravessa tempos e lugares, sendo transmitida socialmente e, ao mesmo tempo, modificada por quem aprende, brinca e ensina. As crianças são sujeitos sociais e históricos que produzem cultura bem como são influenciados por ela.

Somos seres brincantes, nascemos assim e, com o passar do tempo já não nos permitimos brincar, a vida se torna séria demais para isso. Brincar se opõe ao trabalho e a produção, muitos veem isso como tempo perdido. Em uma sociedade competitiva, obstinada por resultados, entendemos o pouco valor atribuído ao lazer. A brincadeira perdeu tempo e espaço.

Redin (1998, p.63) pondera que:

Uma dessas atividades que o mundo moderno nos desapropriou é certamente a atividade lúdica e pagamos altos tributos por isso – desde tratamentos psicoterápicos até academias aeróbicas e de lazer, ou outras atividades de compensação para encobrir nossas neuroses e estresses.

O mesmo autor salienta *que* “O lúdico é uma dimensão especificamente humana e o direito ao lazer está incluído pelas nações, entre os direitos humanos (p.63)” e questiona “... e então, porque a gente não vai brincar? (p. 68)”.

Para os adultos as brincadeiras influenciam no humor, atenuando as dificuldades cotidianas e permitindo que a vida seja vivida de forma mais tranquila e feliz. Para as crianças é condição fundamental para que aprendam a ser, conhecer-se e desenvolver-se de forma harmônica e prazerosa. Enfaticamente Dolto (2007, p. 110) adverte: “Privar uma criança de brincar significa privá-la do prazer da vida”.

Nas palavras do artista plástico Ivan Cruz (2011) “Criança que não brinca, não é feliz, ao adulto que, quando criança não brincou, falta-lhe um pedaço do coração”.



“[...]as crianças só se constituirão integralmente se forem sujeitos de seus corpos e de seus movimentos nos espaços onde vivem e convivem” (Tiriba, 2010).

Porque tem muita brincadeira legal! (M., 06 anos)

A brincadeira é uma atividade social humana que faz parte de um contexto cultural. É consenso entre educadores e estudiosos do desenvolvimento infantil que o brincar envolve múltiplas aprendizagens, estando diretamente envolvido com as áreas cognitiva, social, e afetiva. Além disso, é uma experiência social que possibilita a apropriação de conhecimentos a partir das interações da criança com o meio em que está inserida.

Brincar se aprende e se ensina. Enquanto observa e brinca com seus pares e com os adultos, a criança incorpora a experiência social e cultural. Ela não só reproduz, mas também atribui novos significados às coisas, recria, reinventa através do poder imaginativo que lhe é peculiar. O brincar é ação e simbolização.

Para a criança o brincar é a atividade mais importante do seu dia-a-dia, uma ação livre e prazerosa, que se depender de sua vontade, não tem hora para iniciar, e às vezes, nem para acabar. Através das brincadeiras ela começa a compreender o mundo ao seu redor, bem como o seu lugar neste mundo.



Um caminho de favorecer bons encontros é o de possibilitar o contato permanente com o mundo natural, tempo e espaço para brincadeiras ao ar livre (Tiriba, 2005).

Porque todo mundo brinca. (J., 05 anos)

As crianças vão tomando consciência de si e do mundo ao incorporarem outros personagens em suas brincadeiras: ora são pais, mães, polícia, bruxa, ladrão, animais, etc. Bomtempo (1996) refere-se a esse jogo simbólico como a adoção de papéis.

Brincar de faz-de-conta é um processo de articulação entre o novo e o conhecido, a imaginação e a memória. No jogo simbólico, as crianças constroem uma ponte entre a fantasia e a realidade segundo a mesma autora (p. 67). Ou seja, as coisas passam a ser vistas e elaboradas de outras maneiras e os objetos e as situações cotidianas adquirem novas conotações, possibilitando a construção de relações e a elaboração de regras de organização e convivência.

Episódio de brincadeiras¹:

Adulto: - Do que vocês estão brincando?

Criança: - Estamos brincando de mamãe e filhinha. Vamos ao shopping.

Adulto: - Fazer o quê?

Criança: - Vou comprar um presentinho para ela (boneca).

Adulto: - Por quê?

Criança: - Ela está de aniversário.

Moyles (2006) destaca o brincar como útil e valioso para a aprendizagem e para o desenvolvimento das crianças pequenas, constituindo-se numa maneira nãoameaçadora do manejo dessas novas aprendizagens.

Em recente entrevista sobre a importância do brincar, Kishimoto (2011) enfatiza que enquanto brincam, as crianças fazem escolhas, experimentam, tocam e tomam a

¹O episódio de brincadeira aqui mencionado foi observado em uma turma de crianças de 05 a 06 anos, do Pré II, da EMEI Dalila da Silveira Oliveira, da cidade de Sapucaia do Sul- RS.

decisão de brincar, ou seja, vão se tornando autônomas. O corpo se desenvolve pelo movimento e pela exploração dos objetos. A criança organiza-se, reconhece-se pela imitação e vai descobrindo como funciona o mundo adulto.

Conforme a autora acima citada, o jogo permite trocas tais como dialogar, ser flexível, partilhar, expressar sentimentos e valores, lidar com a frustração de perder, negociar, liderar e inventar novas formas de brincar. São normas de comportamento e de vida em grupo que vão sendo construídas.

Episódio de brincadeiras²:

Receita de Danoninho da Carol (04 anos):

- Creme de leite, morango, um pouco de farinha, leite e Nescau (feito com areia).

Mexe bastante e come. É muito bom.

Depois fazer um bolo.

- Primeiro dormir o soninho. Acorda, come o Danoninho, daí vamos brincar, depois brincar de princesa, de Moranguinho, de Barbie, depois cafezinho.

Independente da brincadeira, ela sempre apresenta uma organização, pois existe quem brinca e decisões a tomar de acordo com as regras e as ordens dadas, mesmo que indeterminadas como ocorre entre as crianças pequenas. É importante salientarmos que as regras não são fixas, mudam de acordo com o interesse de quem brinca.

Esta é uma característica que influencia no autocontrole da criança, isto é, apesar de ser uma estrutura imaginária, requer que a mesma faça constantes escolhas e tome decisões. É um ato voluntário e consciente, no qual a criança expressa sua individualidade e identidade. O ato de brincar em si é um suporte de Sociabilidade e um balizador de relações humanas. A criança deseja estar com o outro, fazer coisas novas e descobrir possibilidades até então encobertas.

Para poder brincar, é necessário partilhar objetos, espaços, valores, conhecimentos e negociar os conflitos que por ventura surgirem. Essas ações demandam a construção de laços afetivos, atitudes solidárias e consolidam a interatividade entre as crianças. Nas brincadeiras, elas constroem novas relações e combinações.

² O episódio de brincadeira aqui mencionado foi observado em uma turma de crianças de 03 a 04 anos, do Maternal II, da EMEI Dalila da Silveira Oliveira, da cidade de Sapucaia do Sul- RS.



“[...] as crianças são seres da natureza [...]” (Tiriba, 2010).

*Que é uma aventura muito legal!
(K., 07 anos)*

As crianças experimentam situações novas ou mesmo no seu dia-a-dia livres de cobranças ou pressões, colocando-se desafios, tentando entender as situações propostas pelas pessoas com as quais convive e pela realidade na qual está inserida. Ao mesmo tempo em que revivem situações reais, também as modificam conforme suas necessidades. É uma tentativa de compreensão do mundo e das ações humanas com as quais se depara diariamente.

Ao referir-se às instituições educacionais, Kishimoto (2011) ressalta que a escola deve oferecer, além de mesas e cadeiras, espaços e estruturas adequadas para que a brincadeira, o faz-de-conta possa acontecer. Esses espaços incluem mobiliários domésticos, espelhos, fantasias, artes, música, profissões, entre outros.

O professor, por sua vez, deve dar a devida importância à cultura lúdica infantil, observando atentamente as crianças em seus momentos lúdicos, ampliando as brincadeiras e oferecendo outros objetos. Também cabe ao mesmo fazer as mediações necessárias a fim de que o brincar seja de qualidade e enriquecedor para as crianças.

As crianças, naturalmente, são curiosas e buscam com intensidade entender o mundo que as cercam. Por isso, é fundamental a construção desse repertório de possibilidades, a fim de que possamos oferecer-lhes condições cada vez mais variadas para recriarem o mundo ao seu redor. Devemos estimular suas buscas, viabilizando vivências em que lidarão com seus conflitos, questionamentos, sonhos e o prazer de conviver com outras crianças.

As crianças precisam não apenas de tempo e espaço para brincar e praticar habilidades, “elas precisam também de seus pais para que as ajudem aprender essas

habilidades, complementa Curtis (2006, p. 46)”. A presença interessada do adulto no brincar infantil eleva o nível das brincadeiras criativas e imaginativas, podendo dar uma nova direção ou ímpeto às atividades realizadas.

Tendo oportunidade, e sentindo-se muito à vontade, as crianças viram tudo pelo avesso, caixas são garagens, casinhas, túneis, pontes, edifícios, e outros. Tudo tem solução, elas não têm limites, vão até onde suas imaginações alcançam e os espaços lhe permitem. Devido a isso, quanto mais estiver integrado o cuidar, educar e o brincar na Educação Infantil, maior será a qualidade da educação.

Por que é uma diversão! (C., 06 anos)

***4* Brincar, brincadeira e brinquedo-Uma relevante transmissão aos novos no mundo**

Segundo o dicionário Aurélio (1993), brincar significa divertir-se infantilmente ou entreter-se. Brincadeira é o ato ou efeito de brincar, podendo ser entendida também como entretenimento. O brinquedo representa o objeto que as crianças utilizam para brincar ou para as brincadeiras. E o jogo, pode indicar uma atividade física ou mental fundada em sistema de regras que definem a perda ou ao ganho, bem como um passatempo. A brincadeira e o brinquedo relacionam-se com a infância, enquanto o jogo pode representar um objeto utilizado pelas crianças para brincar, uma brincadeira infantil ou uma atividade de adultos, uma vez que não está restrito a uma faixa etária.

A palavra jogo possui outras significações, como: coisa não-séria, destinado à educação de crianças ou pedagógicos; preparação para a vida, com regras explícitas ou implícitas, profissional para fins de competição; entre amigos objetivando prazer e lazer, de faz-de-conta com a presença do imaginário, entre outras.

“Cada contexto social constrói uma imagem de jogo conforme seus valores e modo de vida, que se expressa por meio da linguagem, nas palavras de Kishimoto (1996, p. 17)”. Enquanto jogam, os participantes executam as regras, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma atividade lúdica. Ainda, o jogo é uma atividade livre e voluntária, possui a dimensão da imprevisibilidade, pois depende da habilidade e/ou sorte dos jogadores, o que o torna mais atrativo. É um fim em si mesmo, isto é, não visa a um resultado final.

Já o jogo educativo, por priorizar um resultado, qual seja, a aprendizagem, perde as suas principais características que é ser escolhido livremente pela criança e de acordo com a motivação e ação dos jogadores, ter rumos incertos e ter como objetivo apenas o divertimento. Para Kishimoto (1996, p. 24), “o que importa é o processo em si de brincar que a criança se impõe. Quando ela brinca não está preocupada com a aquisição de conhecimento ou desenvolvimento de qualquer habilidade mental ou física”.

Ao discorrer sobre o brincar, Bomtempo (1996, p. 64) cita Vigotsky e Piaget esclarecendo que:

Para Vigotsky o brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela criança, em que desejos irrealizáveis podem ser realizados com a função de reduzir a tensão e, ao mesmo tempo, para constituir uma maneira de acomodação a conflitos e frustrações da vida real. E para Piaget, o brincar representa uma fase no desenvolvimento da inteligência, marcada pelo domínio da assimilação sobre a acomodação, tendo como função consolidar a experiência passada.



Porque aproveito enquanto sou criança (G., 06 anos).

Inicialmente, o bebê brinca com suas mãos e pés. Depois, os objetos são seus novos brinquedos, que insistentemente põe na boca, atira, os busca novamente para manipulá-los com prazer.

À medida que vai crescendo, a criança vai observando, explorando o seu entorno e tudo serve como brinquedo, objetos que guarda, os pega novamente, leva consigo, tenta encaixar, abandona e os retoma mais tantas outras vezes. Criança saudável é uma criança que brinca, que se ocupa das mais diversas coisas, tantas quantas puder alcançar.

Segundo Kishimoto (2010), o brincar é uma ação livre e espontânea, que conduz a criança a adentrar no mundo imaginário, dando-lhe poder para explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens.

Ainda para a autora, analisando os artigos 9.º a 12.º das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, não se pode pensar no brincar sem as interações da criança

com a professora, com outras crianças, com os brinquedos e materiais, com o ambiente e por fim, entre a instituição, a família e a criança.

Nas palavras de Moyles (2006, p. 13), “faz mais sentido considerar o brincar como um processo que em si mesmo, abrange uma variedade de comportamentos, motivações, práticas, habilidades e entendimentos”.E complementa: “Talvez um dos maiores atributos do brincar sejam as oportunidades que ele possibilita de aprendermos a viver com o não saber (p. 16)”.

Quanto ao desenvolvimento corporal, Smith (2006, p.27) faz a seguinte declaração: “o brincar construtivo é uma forma de praticar habilidades motoras finas, enquanto o brincar físico que envolve a musculatura ampla e o brincar turbulento exercitam o corpo todo e a coordenação motora”.

Dolto (2007) faz uma importante explanação sobre o jogo nas etapas iniciais da infância observando que:

Ter, perder, reencontrar, fazer, desfazer, refazer de outra maneira, criar, descreir, recriar as relações com os seres e com as coisas, infindavelmente, eis o que parece sempre novo e fascinante nos jogos humanos em busca de seu prazer e da conquista em si mesmos de possibilidades sempre renovadas (p. 115).

O brinquedo,por sua vez, possui significado e função. Sua função é estimular a brincadeira, sem, no entanto, limitá-la, podendo assumir outro sentido e se adaptar a ela.Significa representações manipuláveis do real bem como do imaginário da criança.De acordo com Brougère (1999), a infância é um momento de apropriação de imagens e representações diversas que transitam por diferentes canais, sendo muitas as suas fontes. E complementa: “O brinquedo é, com suas especificidades, uma dessas fontes. Se ele traz para a criança um suporte de ação, manipulação, de conduta lúdica, traz-lhe também, formas e imagens, símbolos para serem manipulados”. (BROUGÉRE, 1999, p. 40).

O brinquedo representa também uma expressão de afetividade na forma de troca de presentes. Para Brougère (1999, p. 8),“uma das funções sociais do brinquedo é a de ser o presente destinado à criança, de forma relativamente independente do uso que se fará dele”.



Por causa que desde eu nasci eu aprendi que era legal. (W., 07 anos)

Quase tudo o que existe no cotidiano infantil, seres da natureza e as invenções humanas são reproduzidos e colocados à disposição das crianças para que possam manipulá-los, como móveis, eletrodomésticos, robôs, bonecos, barcos, aviões, entre outros. Os brinquedos aproximam a criança do mundo real. O brinquedo pode ser industrial, artesanal, bem elaborado ou um objeto simples, fabricado e adaptado por quem brinca. Diferencia-se do jogo pela intimidade da criança com o mesmo e por não haver um sistema de regras determinadas para o seu uso.

Apoiamo-nos mais uma vez em Kishimoto (1996, p. 18) quando diz:

O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Ao contrário, jogos como xadrez e jogos de construção exigem, de modo explícito ou implícito, o desempenho de certas habilidades definidas por uma estrutura preexistente no próprio objeto e suas regras.

Os brinquedos produzidos são destinados para meninos, meninas ou para ambos os sexos, propondo uma imagem de sociedade ou de papéis sociais. É comum observarmos as crianças recusando-se a brincar com algum tipo de objeto ou participar de uma brincadeira alegando ser “brincadeira de menino ou de menina”.

A respeito da concepção, crianças, gênero e o brincar, Hislam (2006, p.52) pontua: “As expectativas e respostas dos adultos importantes exercem uma pressão sutil, mais poderosa sobre os meninos e sobre as meninas para que se comportem de maneira apropriada ao seu sexo”. As crianças são influenciadas pelos adultos, que

agem como modelos a serem imitados nas atitudes, comportamentos e valores atribuídos às situações e pessoas.

Os brinquedos podem ser escolhidos pelas crianças ou pelos adultos, com manifestações de interesses diversos, destinados à pura diversão ou com objetivos educativos. Diversas brincadeiras e brinquedos como quebra-cabeças, tabuleiros, que produzem sons, de encaixe e jogos, entre outros são utilizados como recursos pedagógicos, visando desenvolver a percepção, linguagem, reconhecimento de formas, cores, tamanhos, números, operações matemáticas, letras e sequências.

Os brinquedos de montar viabilizam ações diversas tais como girar, encaixar, puxar, agarrar, empilhar e empurrar. Isso possibilita a aplicação de múltiplas habilidades, por parte de quem brinca, à medida que manuseia os componentes unindo-os a procura da forma desejada.

“As crianças pequenas desenvolvem uma percepção inteligente por meio de um contato corporal direto com superfícies diversas e pela manipulação de diferentes substâncias e objetos, argumenta Prentice (2006, p. 154)”. A autora também acrescenta que brincar com areia, água, argila as ajuda a desenvolver um senso de peso, equilíbrio, maciez, calor, frescor e umidade, assim como de movimentos, formas angulares e curvas, grandes e pequenas.



As atividades ao ar livre proporcionam aprendizagens que se relacionam ao estado de espírito porque colocam as pessoas em sintonia com sentimentos de bem-estar, em que há, portanto, equilíbrio entre o que se faz e o que se deseja fazer (Tiriba, 2010).

Porque eu gosto. Porque é bom! (P., 06 anos)

Não podemos deixar de mencionar a grande influência exercida pela mídia sobre a imagem dos objetos destinados às crianças, sendo estes comercializados de

acordo com o sexo, estimulando os seus usos e consumo. As crianças, por sua vez, respondem aos apelos a elas dirigidos, situando-se num universo de consumo.

Quem fabrica ou constrói os brinquedos imbui nestes as imagens de criança que a sua cultura possui, já que cada cultura tem maneiras diversas de tratar, educar e ver a criança, bem como suas próprias percepções e memórias da infância. Podemos afirmar que o brinquedo tanto faz parte do mundo imaginário infantil quanto do adulto criador dos mesmos.

Ao referir-se aos cuidados na aquisição de brinquedos, Kishimoto (2010) adverte que a creche ou escola de Educação Infantil, deve ser criteriosa na escolha dos mesmos, preferindo os de boa qualidade, substituindo-os quando quebrarem ou já não mais despertarem o interesse das crianças. Quanto à seleção dos brinquedos, a autora aconselha que:

Sejam duráveis, atraentes, adequados e apropriados a diversos usos, garantam a segurança e ampliem oportunidades para o brincar, atendam à diversidade racial, não induzam ao preconceitos de gênero, classe social e etnia, não estimulem a violência e incluam diversidade de materiais e tipos – brinquedos tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, pais e professores. (KISHIMOTO, 2010, p. 02).

E a brincadeira? Nada mais é do que o lúdico em ação. A criança utilizando-se do jogo, do objeto que serve de brinquedo e concretizando o ato de brincar. Neste momento, ela adentra num mundo imaginário, distanciando-se da vida cotidiana, contudo, começando a construção do real através da fantasia. A brincadeira pode acontecer em grupo ou individualmente. Algumas crianças gostam de brincar sozinhas, outras, em grupos. O jogo, de cunho competitivo, normalmente requer a participação de dois ou mais integrantes.

Wajskop (2001) concebe a brincadeira como o processo e atividade social infantil de crianças histórica e socialmente situadas. As brincadeiras fazem parte da cultura de um povo, são transmitidas socialmente, sendo a mãe ou quem cuida da criança pequena quem começa a transmiti-la, brincando com ela e ensinando-a brincar.

Muitas brincadeiras tradicionais fazem parte do folclore popular e possuem a característica de anonimato, uma vez que é desconhecida a sua origem. São transmitidas oralmente, incorporadas à mentalidade da população. Algumas se modificaram ao longo do tempo, outras, foram preservadas em sua estrutura inicial. Podemos citar amarelinhas, pião, empinar pipa, roda, cabra-cega, jogar bola, esconde-esconde entre tantas outras.

Em torno dos 02 a 03 anos, a criança começa a expressar seus sonhos, fantasias, a alterar o significado dos fatos e objetos. Muitas vezes, assume diferentes papéis do seu contexto social e, com o surgimento da linguagem, cria as brincadeiras de faz-de-conta, simbólicas, representações de papéis ou sóciodramáticas que são as que mais evidenciam a presença do imaginário infantil. São jogos simbólicos que se constituem em ligações entre a fantasia e a realidade. Através dessas brincadeiras, a criança é conduzida à ação e a representação, desenvolvendo uma comunicação com o mundo adulto.

Lili vive no mundo do faz-de-conta.
Faz-de-conta que isto é um avião, zum...
Depois aterrissou em pique e virou trem.
Tuc, tuc, tuc...
Entrou pelo túnel chispando.
Mas debaixo da mesa havia bandidos.
Pum! Pum! Pum! Pum!
O trem descarrilhou. E o mocinho? Meu Deus!
No auge da confusão, levaram Lili para a cama a força.
E o trem ficou tristemente derribado no chão,
fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.

Lili inventa o mundo

Mário Quintana

Citando Piaget, ao falar sobre o jogo imaginativo, Bomtempo (1996, p. 59), diz que: “Quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui”. Quando as crianças oferecem alimentos imaginários às suas bonecas, repreendem-nas por comportamentos inadequados, resolvem situações perigosas com seus bonecos super-heróis, vencem corridas acirradas com seus carros e motos velozes, demonstram uma mistura em que suas vivências cotidianas adquirem outros significados e desejos tornam-se possíveis de serem realizados.

É relevante mencionarmos também as brincadeiras de construção, como construir casas, garagens, móveis, cenários e objetos diversos, interligadas às de faz-de-conta, pois essas são ações simbólicas oriundas do mundo imaginário e fantasioso das crianças, baseadas em seus desejos e vivências cotidianas.

Os jogos de construção permitem o desenvolvimento de habilidades, criatividade e vastas experiências sensoriais. Ao construir, destruir e transformar a criança expressa sua imaginação criadora, sem medo de errar, podendo tentar várias vezes quando o resultado não lhe agrada. Através das brincadeiras, a criança se expressa, aprende, sonha, se realiza, compartilha e desenvolve-se.

As brincadeiras criadas ao longo da história podem ser apreciadas na obra “Jogos Infantis”, do pintor Flamengo Pieter Brueghel, datada do ano de 1560, onde observamos mais de 85 brincadeiras como cabra-cega, cinco Marias e arco, que são transmitidas de geração em geração e ainda hoje, se encontram nas diversões das crianças.

Apresentamos a cópia dessa obra para algumas pessoas³, a fim de descobrirmos quais das brincadeiras ali retratadas ainda eram lembradas. Obtivemos o reconhecimento de apenas dez brincadeiras. As pessoas até identificavam que os personagens estavam brincando, contudo, não sabiam o nome da brincadeira. Esse fato comprova que o patrimônio lúdico, composto por brinquedos e brincadeiras, acumulados por gerações ao longo da história, está se perdendo por falta de conhecimento, uso e transmissão às novas gerações.

A escola ocupa um lugar importante na preservação do patrimônio lúdico, pois ele faz parte e conta história. É um direito de todos o acesso a esse patrimônio, como afirma Fortuna (2011). A autora ainda menciona que “por pertencer ao patrimônio cultural da humanidade, constitui-se de fantasias compartilhadas nas quais o próprio processo civilizatório se apóia em seu trabalho de construção social da realidade (p. 165)”. Preservar, transmitir e fazer usos dos jogos, brinquedos e brincadeiras na educação, é estar privilegiando a excelência no desenvolvimento infantil pelos efeitos positivos por eles produzidos.

³As pessoas que analisaram a obra citada eram de ambos os sexos, com idades entre 14 e 75 anos, moradoras de Sapucaia do Sul – RS.

5 Na escola, vou aprender e posso brincar também? -

Aproximando expectativas

Só um pouquinho! (G., 06 anos)

Para responder a pergunta acima, é necessário compreendermos primeiro como a escola vê a questão do brincar.

Os educadores, em geral, não contestam a importância do brincar na infância, a questão que se sobressai é a relevância deste para a aprendizagem. Fortuna (2000) discorre sobre esse assunto afirmando que os educadores de crianças pequenas promovem o brincar, mas não se atem às responsabilidades pedagógicas. Já aos professores das demais séries, cabe-lhes a promoção do estudar.

Segundo a mesma autora, ainda existem outros tantos profissionais, que tentando um equilíbrio entre uma e outra concepção, utilizam-se dos jogos e brincadeiras dirigidas com fins educativos, o jogo didatizado. Entretanto, com isso, acabam por descaracterizá-los.

Em se tratando de tempo, na Educação Infantil é comum momentos e cantos para brincar. Contudo, iniciar no ensino fundamental significa que é preciso aprender e as brincadeiras, são para mais tarde, se der tempo e na hora do recreio. Além disso, imprevistos, tais como o não merecimento por indisciplina ou não cumprimento de tarefas proposta também ocorrem.

No âmbito de estrutura do espaço escolar, é comum encontrarmos pracinhas em péssimo estado e brinquedos quebrados. Para justificar a falta de providências, muitos dizem que isolam estes espaços com o intuito de proteger as crianças, a fim de que as mesmas não se machuquem ou até mesmo para que não estraguem mais os brinquedos. Ainda, verificamos pátios de escola não planejados e atrativos para brincadeiras.

O fato é que em algumas escolas faltam espaços, estruturas, bem como a oferta de oportunidade para as crianças brincarem. Muitas vezes, faltam brinquedos e profissionais sensíveis que acreditam na riqueza que se constitui o processo do brincar para as crianças.

Contudo, convém ressaltarmos que de todos esses elementos, o mais importante é a atuação dos adultos responsáveis por cuidar e educar as crianças. Espaço, estrutura, tempo e brinquedos se criam, se adaptam, se organizam,

porém disponibilidade para criar situações lúdicas, envolventes e prazerosas requer conhecimento e comprometimento com uma educação de qualidade.

Percebemos que, para alguns, a brincadeira é sinônimo de ociosidade, ação prazerosa e divertimento, portanto opõe-se às atividades sérias e produtivas. Isso implica diretamente no tempo, espaço, estrutura e, por consequência, importância a ela destinada enquanto promotora de aprendizagem.

Hurst (2006) enfatiza que observar o brincar infantil é essencial, visto que o mesmo traz valiosas informações sobre o progresso de cada criança e serve de base para o planejamento de outras atividades. A mesma autora pondera que: “Por meio do brincar podemos perceber muita coisa que não seria percebida de nenhuma maneira a respeito das estratégias de aprendizagem utilizadas por cada criança”. (HURST, 2006, p. 208).

Já Griffiths (2006, p. 173) defende que: “Brincar com as crianças obviamente faz com que os educadores tenham tempo para discutir as idéias delas. Além disso, permite que compartilhem informações e as ensinem de maneira mais direta”.

Ora a invenção, a fantasia, a criatividade do faz-de-conta é uma maneira, própria da criança, de entender, apropriar-se e participar do mundo adulto. Como bem enfatiza Fortuna (2000), também a dimensão lúdica do homem é responsável pelo progresso do conhecimento, através da criação e da invenção que oportuniza. Brincar, então, é um meio de compreender e relacionar-se com o mundo.

Sendo assim, a inserção das brincadeiras em sala de aula não significa relegar a responsabilidade sobre o ensino, visto que ambos acontecem ao mesmo tempo, pois, entre outros aspectos, o brincar desenvolve a imaginação e o raciocínio. Entretanto, é importante salientarmos que não se trata de ensinar conteúdos através de jogos, e sim apropriar-se das características desses, incorporando-os à forma de ensinar.

Valemo-nos mais uma vez de Fortuna (2000, p. 07) quando argumenta que “o que se busca no ensino através das características do jogo é a aprendizagem com prazer”, e acrescenta que o mesmo encerra: “A espontaneidade, improdutividade, trânsito entre a realidade externa e interna, interatividade, simbolismo constantemente recriado, desafio e instigação, mistério, imponderabilidade e surpresa”.

A autora ainda ressalta que uma aula lúdica é uma aula que se assemelha ao brincar – atividade livre, criativa, imprevisível, capaz de absorver a pessoa que brinca, não centrada na produtividade. A vontade de fazer parte dessa brincadeira, o desejo de aprender, a satisfação de ter alcançado o objetivo são resultantes da aula que está

imbuída de ludicidade. Professor e aluno, sentindo-se desafiados, situam-se como protagonistas do processo de aprendizagem.

Como o educador aprende a brincar em sala de aula com seus alunos? Com o intuito de compreender como certos professores tornaram-se capazes de brincar em sala de aula, qual sua formação, se a universidade contribui de algum modo para essa formação, Fortuna (2012) relata algumas descobertas feitas a partir da pesquisa sobre a formação lúdica docente e a universidade.

Segundo a autora, é o conjunto de experiências vivenciadas durante a vida inteira do professor, perpassando a infância, experiências escolares, formação lúdica, aquilo que sabe, vivencia e sente em relação à ludicidade é o que definirá seu modo de ser e a presença da brincadeira em suas aulas. E complementa:

Embora seja possível falar sobre o brincar, isso não equivale a brincar e tampouco, a saber brincar; para brincar e até mesmo para saber sobre o brincar, é preciso brincar. Significa que o saber lúdico requer uma relação do tipo atividade, na qual o eu do sujeito está imbricado na situação. (FORTUNA, 2012, p.9).

Então, para que o brincar tenha espaço nas salas de aula, é preciso que primeiramente o professor tenha aprendido sobre o brincar, goste de brincadeiras e disponha-se inseri-las em sua sala de aula. Que seja uma pessoa que brinque e continua aprendendo a brincar.

Argumenta-se que os educadores têm um papel chave a desempenhar: ajudar as crianças a desenvolver o seu brincar. O adulto pode, por assim dizer, estimular, encorajar ou desafiar a criança a brincar de formas mais desenvolvidas e maduras. (SMITH, 2006, p. 30).

Ou seja, de nada valerão as pesquisas e estudos feitos sobre a excelência do brincar se esses conhecimentos não alcançarem a sala de aula. Além disso, o mesmo ocorre se esses saberes não forem assimilados por educadores dispostos a tornarem-se verdadeiros provedores do ato de brincar.

Partindo do pressuposto de que o currículo escolar contempla o brincar como atividade preponderante na educação de crianças de 0 a 05 anos, que os profissionais estejam aptos à função, ainda há de se lidar com a expectativa da família em relação ao que e como as crianças estão aprendendo. Quem nunca se deparou com a pergunta: “O que você fez hoje na escolinha? Só brincou?”

Nestas situações, será de grande valia que o docente, consciente de seus objetivos e devidamente munido de informações obtidas pelas observações realizadas junto a seus alunos, possa argumentar com as famílias demonstrando o progresso das crianças e o que estão aprendendo enquanto brincam. Assim, cabe aqui destacar o argumento de Hurst (2006, p. 215) que diz que “se os profissionais derem aos pais evidências das realizações de seus filhos haverá algo de tangível a ser discutido e mutuamente entendido”.

A integração entre pais, educadores e instituição possibilita o entendimento dos contextos em que as brincadeiras ocorrem, quais as potencialidades que estão se desenvolvendo e o que a experiência lúdica proporciona de positivo. Essa ação faz com que mude completamente o olhar sobre estas vivências e, conseqüentemente, o valor atribuído às brincadeiras em sala de aula.

À medida em que as crianças vão crescendo a oferta do brincar precisa expandir-se também, a fim de que atenda os interesses e necessidades das diferentes idades e estágios infantis. O adulto deve desempenhar o papel de capacitador e promotor do brincar, fazendo intervenções que encorajam, valorizam e qualificam as manifestações lúdicas das crianças.

O brincar proporciona algumas das experiências mais intensas da infância. Entretanto, “os professores precisam reconhecer que é preciso planejar cuidadosamente e ensinar com inteligência, para que realmente essas experiências sejam ampliadas, alerta Hall (2006, p. 147)”.

Finalmente, Pascal e Bertram (2006, p. 197) apontam “que o segredo do sucesso é colocar o brincar na agenda de todas as pessoas que tomam decisões e dispõem dos recursos”. É interessante ainda complementar que sejam pessoas totalmente comprometidas com a legislação em vigor e dispostas a cumprir as orientações contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, fixadas pela Resolução n.º 05, de 17/12/2009.

Brincar, acreditar e investir na ludicidade em sala de aula e ainda poder contar com parcerias para esse fim, não tem como não dar certo. Na escola não só podemos como temos o direito de aprender e brincar!⁴

⁴As falas das crianças, mencionadas neste trabalho, foram ouvidas no segundo semestre de 2012, em contextos, espaço e tempos diversos e respondiam às seguintes indagações: Você gosta de brincar? Por quê? Do quê? Qual o recado que vocês mandariam aos adultos que não permitem que as crianças brinquem? As crianças possuíam entre 05 e 07 anos e, eram alunas da EMEI Dalila da Silveira Oliveira e EMEF Prefeito João Freitas Filho, ambas da cidade de Sapucaia do Sul- RS.

6Brincando com palavras, sons e sentidos...

*Poesia é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio e pião.
Só que bola, papagaio e pião
de tanto brincar se gastam.
As palavras não:
Quanto mais se brincam com elas
mais novas ficam.
Como a água do rio
que é água sempre nova.
Como cada dia que é sempre um novo dia.
"Convite"
José Paulo Paes*

Que o brinquedo, a brincadeira e o jogo fazem parte do universo infantil, todos concordam. Também não há dúvidas de que tudo pode virar um brinquedo, haja vista o grande poder simbólico empregado nestes momentos, cuja ausência passa a fazer parte através do “vamos fazer de conta que isso é...”

Contudo, parece-nos relevante abordar outras maneiras de alimentar o imaginário infantil através de sons, imagens e palavras. Brincar com a linguagem, com o gesto, com o som... percebendo a si mesmo e o outro num jogo cooperativo. “Haverá brinquedo mais gostoso do que ler ou ouvir histórias?” Esta é uma interessante pergunta lançada por José (2007, p. 62).

Começamos a ler o mundo muito cedo através dos nossos sentidos. Sons, imagens, cheiros, cores, gostos, tocar e ser tocado são atividades perceptivas que fazem com que apreendamos o mundo que nos cerca. Desde os primeiros dias de vida, muitas crianças entram em contato com a produção literária através das canções de ninar, cujas canções acalantam e embalam seu sono infantil. É umadas formas carinhosas que acalma e cria laços afetivos entre adultos e crianças.

Ao referir-se às brincadeiras com palavras, Dantas (2002, p; 116) afirma que “significa utilizá-las melodicamente, com sons musicais. E, que é bem conhecida a grande sensibilidade do bebê à melodia da voz e a preferência infantil pelas rimas, ritmos e assonâncias”.

Com o passar do tempo, muitos pais começam a contar histórias para seus filhos, alimentando a sua imaginação através das imagens, sons e do encantamento da palavra falada, uma forma mágica de brincadeira por meio de simbologias e conotações. Ao argumentar sobre o poder da narrativa, que fertiliza a nossa fantasia, transmite alegria, une uns aos outros de forma lúdica, envolve, enriquece o lado humano deixando a vida mais saudável, José (2007, p. 49) propõe:

Feliz da criança que teve pais, avós ou babás que enriqueceram o seu imaginário com muitas histórias, varando, virando e transformando o mundo pelo poder mágico da ficção. Pessoas que a fizeram dormir mais tranquilamente ao som dolente de uma cantiga de ninar.

Triste criança de hoje, que precisa se contentar com as histórias cantadas ou contadas pela televisão. Histórias mais cínicas e perversas do que lírico-poéticas, interessadas mais em vender produtos do que em oferecer prazer e magia.

Histórias, contos maravilhosos, poesias e canções suscitam um mundo de encantamento e conduzem as crianças ao mundo do faz-de-conta. Neste momento, as crianças esvaziam-se do seu mundo real e entram no mundo dos sonhos, do belo e dos desejos possíveis de realizar. “Porque contar histórias para uma criança é lhe oferecer a chance de expressar seus sentimentos de forma que não se assuste, pois ali, tudo são brincadeiras e símbolos”, argumenta Gutfreind (2012, p. 71).

Um mundo fantástico, com personagens incomuns se desvenda diante os nossos olhos pela força da palavra imagética cujo mundo podemos criar e recriar, acrescentar coisas, transformar partes e mudar o final. Enriquecer o imaginário da criança brasileira “significa introduzir em sua experiência a riqueza folclórica, com suas lendas sobre a fauna e a flora”, atesta Kishimoto (2002, p. 149).

Belas princesas e príncipes que se apaixonam, casam e são felizes para sempre, as bruxas malvadas que teimam em aparecer, mas são descobertas a tempo e tem que ir embora, grandes castelos, carruagens enfeitadas, desertos escaldantes, bosques misteriosos, jardins floridos, fadas com suas varinhas de condão e palavras mágicas, deixam a imaginação cada vez mais cheia e com ela vem os sonhos, as possibilidades e as brincadeiras. Quem nunca escutou: “Vamos brincar de príncipe e princesa?” e “Eles foram felizes para sempre!”

Os contos fazem rir, chorar, sentir medo e, por fim, alívio, por isso, o seu encanto. São considerados obra de arte. A musicalidade que o narrador imprime ao contar histórias provoca prazer, satisfação e encantamento nos ouvintes. Em termos

emocionais contos proporcionam conforto às crianças, pois existe a certeza de que tudo sempre terminará bem, por mais instigante e ameaçador que possa parecer.

A envolvente arte de ler e contar histórias permitelidar com sentimentos, lembranças, expressar sensibilidade, estimular a imaginação e viajar por diversos espaços e tempos. Todos viram personagens e começam a viagem, sonham e vivem juntos, companheiros da mesma aventura.

Consta que a contação de história é remota, de tempos tão antigos quanto o próprio homem, e que surgiu a partir da necessidade desse de se relacionar com seus pares, dar significado a suas vivências e conservar na memória essas experiências. Independente do tipo de história são os sons, os gestos, as palavras e olhares que promovem esse encontro podendo adquirir um valor afetivo entre narrador e ouvinte a partir do envolvimento de ambos que caminham pelos caminhos do mundo.

As histórias, em especial, são uma forma poderosa de influenciar indiretamente o clima de sala de aula. Ao encorajar as crianças a dispor de uma variedade de opções por meio de ficção, o professor amplia o leque de possibilidades do brincar. (HISLAM,2006, p.58).

Crianças acostumadas a escutar histórias, além de terem enriquecida sua vivência, logo começam a interessar-se pelas histórias escritas e mais tarde pela produção de suas próprias histórias. Se não houver estímulos, o imaginário infantil pode vir a bloquear-se. Adultos que tiveram a oportunidade de escutar muitas histórias envolventes durante sua infância trazem na memória um tempo em que se sentiam mais felizes, encantados, lidavam mais tranquilamente com seus medos e conflitos e, como num passe de mágica, a vida tinha mais sentido. Provavelmente, os contadores de história de hoje são frutos das sementinhas plantadas e cuidadas por alguém que alimentou suas fantasias e imaginações durante a infância.

Além das fábulas, lendas, contos maravilhosos de encantamento e outras histórias infantis, podemos elencar outras manifestações poéticas e brincadeiras linguísticas tais como: parlendas, trava-línguas, poesias, cantigas de rodas, músicas e o que é o que é?

As parlendas são versos com temática infantil, que são recitados em brincadeiras de crianças, para divertir, memorizar ou escolher quem fará tal ou qual brinquedo. Possuem uma rima fácil e, por isso, são populares entre as crianças. Muitas parlendas são antigas, algumas delas criadas há décadas, fazendo parte do folclore brasileiro.

Alguns exemplos de parlendas:

Um, dois, feijão com arroz.
Três, quatro, feijão no prato.
Cinco, seis, chegou minha vez
Sete, oito, comer biscoito
Nove, dez, comer pastéis.

Amanhã é domingo, pé de cachimbo.
O cachimbo é de ouro, bate no touro.
O touro é valente, bate na gente.
A gente é fraco, cai no buraco.
O buraco é fundo, acabou-se o mundo.

O Papagaio come milho.
periquito leva a fama.
Cantam uns e choram outros
Triste sina de quem ama.

Trava-língua é uma espécie de jogo verbal que consiste em dizer, com clareza e rapidez, versos ou frases com grande concentração de sílabas difíceis de pronunciar ou de sílabas formadas com os mesmos sons, mas em ordem diferente.

Os trava-línguas recebem essa denominação devido à dificuldade que as pessoas enfrentam ao tentar pronunciá-los sem tropeços ou, como o próprio nome diz, sem "travar a língua". Além de aperfeiçoarem a pronúncia, servem para divertir e provocar disputa entre amigos.

Veja a seguir uma série de trava-línguas:

Trazei três pratos de trigo para três tigres tristes comerem.

O rato roeu a roupa do Rei de Roma, a rainha com raiva resolveu remendar.

Num ninho de mafagafos, cinco mafagafinhos há! Quem os desmafagafizá-los,
um bom desmafagafizador será.

Em rápido raptó, um rápido rato raptou três ratos sem deixar rastros.

A poesia é um gênero literário que, a partir da combinação de sons, ritmos e significados, cria imagens e sugere emoções através da linguagem. Muito apreciada pelas crianças que se divertem com a ludicidade dos textos. Os poetas brincam com as palavras dando vida às coisas inanimadas e tudo se torna encantamento num diálogo com as crianças, como podemos perceber nas poesias abaixo.

A Casa

Era uma casa muito engraçada,
 não tinha teto, não tinha nada.
 Ninguém podia entrar nela não, porque na casa não tinha chão.
 Ninguém podia dormir na rede,
 porque na casa não tinha parede.
 Ninguém podia fazer pipi, porque penico não tinha ali.
 Mas era feita com muito esmero,
 na Rua dos Bobos, número Zero

Vinicius de Moraes

O Menino Azul

O menino quer um burrinho para passear.
 Um burrinho manso, que não corra nem pule,
 mas que saiba conversar.
 O menino quer um burrinho que saiba dizer
 o nome dos rios, das montanhas, das flores,
 — de tudo o que aparecer.
 O menino quer um burrinho que saiba inventar histórias bonitas
 com pessoas e bichos e com barquinhos no mar.
 E os dois sairão pelo mundo que é como um jardim
 apenas mais largo e talvez mais comprido
 e que não tenha fim.
 (Quem souber de um burrinho desses, pode escrever
 para a Rua das Casas, número das Portas,
 ao Menino Azul que não sabe ler).

Cecília Meireles

As cantigas de roda ou cirandas são brincadeiras infantis que consistem na formação de uma roda, com a participação de crianças, que de mãos dadas cantam melodias de caráter folclórico, seguindo ou não, coreografias. As músicas e coreografias são criadas por anônimos, que adaptam músicas e melodias. As letras são simples e trazem temas do universo infantil. Entre as cantigas de roda mais conhecidas estão:

Marcha soldado

Marcha Soldado

cabeça de Papel

se não marchar direito

vai preso pro quartel.

O quartel pegou fogo

a polícia deu sinal

acode acode acode

a bandeira nacional!

O cravo e a rosa

O cravo brigou com a rosa

debaixo de uma sacada

o cravo ficou ferido

e a rosa despedaçada.

O cravo ficou doente

a rosa foi visitar

o cravo teve um desmaio

a rosa pôs-se a chorar.

Atirei o pau no gato

Atirei o pau no gato to tô
mas o gato to tô
não morreu réu reu
dona Chica cá cá
admirou-se se
do berro, do berro que o gato deu
miau!

A adivinha é um tipo de brincadeira na qual o objeto, ideia, fato ou ser é exposto de forma figurada para dificultar sua descoberta. São perguntas em formato de charadas desafiadoras que fazem a criança pensar e se divertir. Assim, a construção de uma adivinha requer jogos de palavras e associações semânticas ambíguas. São criadas pelas pessoas e fazem parte da cultura popular e do folclore brasileiro. São muito comuns entre as crianças, mas também fazem sucesso entre os adultos

Alguns exemplos de adivinhas:

O que é que é surdo e mudo, mas conta tudo? (livro)

O que é o que é que sempre se quebra quando se fala? (o
segredo)

Ele é magro pra chuchu, tem dentes, mas nunca come e mesmo sem ter
dinheiro, dá comida a quem tem fome? (garfo)

O que é que passa a vida na janela e mesmo dentro de casa, está fora dela?
(o botão)

Por fim, a música, outra manifestação poética, que é muito apreciada por crianças de todas as idades. Som, ritmo e rima remetem à brincadeira do corpo, gestos, emoções em muitos risos num alegre jogo que se estabelece entre a música e os participantes.

As crianças são mais suscetíveis à fantasia e a curiosidade e, neste terreno fértil, brota a imaginação e surgem expressões e ações criativas através das narrativas, canções, poesias, brincadeiras e brinquedos inventados ou não. Tudo pode se tornar uma bela ocasião para viver aventuras emocionantes acessando o mundo da imaginação e do faz-de-conta!

7 *Brincadeiras de outrora...*

Um dia eu fui criança. Brinquei sozinho, com meus irmãos, com amigos. Sorri, sonhei, imaginei e inventei. O que não existia eu criava e então, passavam a ser meus brinquedos preferidos. Tinham nomes, eu conversava com eles. Não tinha medo. Eu era feliz...

Memórias de infâncias são tempos remotos. Lembranças que teimam em ficar porque remontam à alegria de viver, ao desprendimento, ao contentar-se com pequenas e simples coisas.

Tonucci (2005) sugere que recordar a infância faz bem e ajuda os adultos a tornarem-se melhores para as crianças que os rodeiam. Estas lembranças podem ser resgatadas conversando com os pais, amigos e parentes, olhando fotografias de quando eram crianças e registros em velhos cadernos.

A seguir, ao longo desse capítulo, apresentaremos alguns depoimentos de pessoas que responderam perguntas sobre brincadeiras de sua infância, onde ocorreram, bem como as lembranças que elas suscitavam.

Tapes RS, 1935 – interior

Com 10 anos já trabalhava. Brincava só nos domingos ou quando chegavam visitas... Brincava com barro, criava brinquedos - animais, bonecas, enfeitava com pedaços de madeira. Nunca ganhei uma boneca, eram as espigas de milho nossas bonecas. Corria descendo lombas, fazíamos balanços pegando cordas escondido da mãe, brincava de roda, se dependurar em cipós. Era muito serviço, fazíamos bem rápido para brincar um pouquinho, brincar era a coisa melhor do mundo, um alívio (C. 77a).

Viamão RS, 1937 - interior

Eu brincava de esconder, par ou ímpar, esconder o anel, pular corda, apostar corrida, pião, bolita de gude, bilboquê... Trabalhei cedo, mas sempre tinha um tempinho para brincar, nem que fosse no domingo. Era um tempo que a gente se sentia realizado (H. 75a).

Sapucaia do Sul RS, 1950 - cidade

Eu pulava corda, brincava com carrinhos de madeira, pipa, andava por dentro dos canos de tubulações. Eu mesmo fazia meus brinquedos, boizinhos de sabugo de milho e outros. Agora paro para pensar como eu tinha ideias para fazer, eu mesmo, os meus brinquedos (T. 62a).

Sentimentos profundos afloraram ao lembrar da infância. Muitas, bem difíceis. Lembrar dos pais, dos irmãos e dos amigos são lembranças doloridas, porque muitos já não estão mais presentes. Trabalhar cedo era comum. Tinham muitas obrigações a cumprir. As crianças de hoje não dão valor para o que tem, não sabem o que é vida difícil, diziam alguns. Sorrisos ao lembrar das travessuras, afinal, criança é criança em qualquer época. Brincar era um alívio, a melhor coisa do mundo, concordavam todos!

Tapes RS, 1950 - interior

Eu subia nos pés de frutas e depois, não conseguia descer, tomava banhos nos açudes, pescava e comia os peixes fresquinhos, fritos, isso era muito bom. Nós não tínhamos brinquedos, então, tudo nós tínhamos que criar. Eu ajudava meu irmão fazer arapucas para pegar passarinho, antes podia fazer isso! Um dia fui pular onde tinha barro e caí dentro de um buraco. Tive que gritar para alguém vir me socorrer (L. 62a).

Canoas RS, 1954 - cidade

Brincava de roda, boneca de pano, amarelinha, pular corda, esconder. Brincava com as crianças da rua. Não ganhava brinquedos. Era uma infância difícil, mas gostava de me reunir com os amigos (M. 58a).

São Leopoldo RS, 1957 - cidade

Eu brincava de casinha, pular corda, ciranda-cirandinha, esconde-esconde, balanço, pular sapata, mamãe eu posso ir, João bobo, amarelinha, cabra-cega, cavalinho. As bonecas eram de espiga de milho, de preferência com cabelo, os brinquedos de casinha eram de sucata, tijolos para fazer a mobília da casa, comidinha de areia e folhas de árvores. Fazíamos roupas para as bonecas com pedaços de plástico e roupas velhas. Um dia levamos um susto quando brincávamos nas taquaireiras, vimos uma cobra passando bem pertinho (M. 55a).

Os tempos eram outros, brincar na rua era seguro, havia muito espaço e contato intenso com a natureza, vida saudável. Sensação de liberdade. Faltavam brinquedos naquela época, mas não, oportunidades e disposição para brincar.

“Não podemos voltar no tempo, mas, pelo bem de nossos filhos, não podemos aceitar o status quo. Temos de seguir em frente e fazer um esforço consciente para salvar o faz de conta para as gerações futuras (LINN, 2010, p.311)”.

Sapuçaia do Sul RS, 1966 - cidade

Eu brincava de casinha, roda, amarelinha, elástico, ovo choco, boneca, pular corda, esconde-esconde, balanço e muitas outras que não lembro mais. Ganhávamos poucos brinquedos, até fizemos uma boneca de pano e

roupas para ela, eu e minha irmã. Quando minha mãe começou a trabalhar ganhamos bonecas da empresa, lembro até hoje do cheirinho de nova. Lembranças boas, de um tempo feliz, despreocupados, tudo era muito fácil (V. 46a).

Charqueadas RS, 1967 - cidade

Eu brincava de boneca, pega-pega, esconde-esconde, telefone sem fio, ovo choco, pular sapata, pular corda, cabra-cega, roda, passar o anel, passa passará, pé de lata, perna de pau, rolete. Alguns brinquedos eram comprados, mas, a maioria eram criados. Tenho lembranças muito boas, as brincadeiras eram saudáveis, inocentes. Os pais não gastavam tanto como nos dias de hoje. Era bom quando nos reuníamos com os primos para brincar (L. 46 a).

Sapucaia do Sul RS, 1969 - cidade

Eu brincava de esconde-esconde, pega-pega, casinha, elástico, sapata, cabra-cega, roda, ovo choco, pular corda, bambolê... A maioria dos brinquedos eram criados. Tenho boas lembranças, muito boas. Não tínhamos muitos brinquedos, mas, éramos felizes, pois sempre nos encontrávamos com os nossos primos para fazer muita bagunça (E. 43 a).

Criança sempre encontra uma maneira de brincar e divertir-se. Ela constrói seus brinquedos, junta pedaços de madeira, tecido, plástico e barro. Tudo tem jeito e conserto, tudo a deixa contente. As crianças de hoje não brincam mais como antigamente, expressaram alguns entrevistados, referiam-se ao excesso de tempo despendido diante a televisão e o computador.

“Deixemos a criança brincar. Ao defendermos o faz de conta defendemos a nós mesmos (LINN, 2010, p. 312)”.

Sapucaia do Sul RS, 1970 - cidade

Eu brincava de esconde-esconde, taco, bola, bolita de gude, pega-pega, carrinho de rolimã, carrinhos, bicicleta, balanço, subir em árvores... Poucos brinquedos eram comprados, a maioria eram feitos em casa. Foi uma época muito boa, brincava com meus primos e irmãos. Eram brincadeiras saudáveis, minha lembrança era de liberdade, de estar solta no pátio e as brincadeiras iam acontecendo (M. 42a).

Gramado Xavier RS, 1970 - interior

Jogava futebol com bolas feitas com meias ou sacos plásticos cheios de panos, carrinhos feitos com paus e as rodinhas eram rodela de sabugos de milho. Subia em árvores, tomava banho nos açudes, comia frutas nas árvores. Os brinquedos, normalmente, eram feitos por nós mesmos, com os materiais que dispúnhamos... Era um tempo feliz, longe de preocupações (J. 42 a).

A nossa infância foi mais fácil, se comparada com a de nossos pais, tínhamos poucos brinquedos é verdade, mas diversos amigos e muitas brincadeiras coletivas aconteciam. As lembranças são muito boas, cantávamos, pulávamos, corríamos uns atrás dos outros, girávamos até cair... Quase não assistíamos televisão, assim, íamos para rua inventar com o que brincar.

Quando adultos conscientes presenteiam as crianças com tempo, espaço, condições adequadas e oportunidade de silêncio, o brincar criativo floresce melhor (LINN, 2010).

Sapucaia do Sul RS, 1975 – cidade

Brincava de jogar futebol, carrinho, jogar vôlei, futebol de mesa, ping-pong, carrinho de lomba, esconde-esconde, bicicleta, bolinha de gude e outros. Alguns brinquedos eram comprados, outros, nós fizemos, por exemplo, o carrinho de lomba. Tenho duas lembranças especiais: o primeiro triciclo que ganhe. Levantava pela manhã e já ia brincar com ele, até que quebrou. Depois, ganhei a primeira bicicleta. As várias quedas deixaram cicatrizes até hoje. Um tempo muito bom...

Sapucaia do Sul RS, 1976 – cidade

Eu brincava com carrinhos, bicicleta, bolita de gude, jogava futebol. Os brinquedos eram quase todos comprados. Um dia, fizemos um carrinho de lomba. Brincar era divertido, queríamos muito. Lembro-me do dilema que era jogar bola dentro do pátio e estragar as folhagens da nossa mãe, era briga na certa (S. 36a).

Sapucaia do Sul RS, 1980 – cidade

Eu brincava muito de casinha, de jogar vôlei, com bonecas, em especial a Barbie. Gostava de cantar com minhas primas, nosso microfone era o cabo da vassoura. A maioria dos brinquedos eram comprados, mas era muito divertido brincar de casinha e fazer os móveis de tijolos. Divertíamos-nos muito. Era bem legal.

Os adultos sabem que estão privando as crianças de hoje, de experiências que para eles, as crianças de ontem, foram importantes. Acham que não é mais possível conceder essas oportunidades. Então, tentam compensar com tecnologias e confortos essas privações forçadas (TONUCCI, 2005).

Brincar faz bem e, lembrar esses momentos é sentir-se feliz mais uma vez. De fato só gosta de brincar e brinca quem um dia já brincou!

8 CONCLUSÃO

Os adultos pensaram e, percebendo a urgência, aprovaram leis que garantem o direito das crianças brincarem. Embora haja um longo caminho a ser percorrido para que o que foi decidido nas Convenções dos Direitos da Criança, Estatutos e Diretrizes Curriculares seja de um todo real e preponderante, é um excelente começo.

Mas as cidades cresceram, a vida está mais agitada, existem outras atividades, não há espaço, não há tempo, não é seguro. Argumentam adultos, interessados ou não, divididos entre razão e sentimentos, dever e poder.

E a espontaneidade criativa e construtiva, inerente às crianças, como fica? As crianças desejam brincar, precisam e tem direito de brincar!

Chegamos ao mundo preparados para brincar, basta atentarmos para os bebês que imitam gestos e sons, buscam objetos, exploram, fazem descobertas e redescobertas no ambiente em que estão inseridos. É um movimento de alegria e entusiasmo.

A brincadeira, em qualquer idade, sempre aflora naturalmente quando a oportunidade surge, porque é totalmente inata à infância. Ela agrega expressão, fantasia, simbolização e prazer em quem brinca.

Brincar é essencial para a saúde e o bem estar das crianças. Permite o desenvolvimento da criatividade, curiosidade, cooperação, compartilhamento, sociabilidade, solução de problemas e atribuição de sentidos às coisas do cotidiano. Estudiosos do desenvolvimento infantil e educadores atestam que observam as relevantes relações e aprendizagens adquiridas durante as brincadeiras.

As crianças gostam de encenar diferentes papéis e, em suas mãos e imaginação, os objetos inanimados ganham vida, nome próprio, servem de amigos, mudam de utilidade, ou seja, o mundo ao seu redor é alterado a fim de que seja possível dar vazão aos seus sonhos, medos, conflitos e esperanças. Afinal, a satisfação da pessoa que brinca depende mais dela do que do objeto utilizado na brincadeira.

Brincar é uma legítima maneira de lidar com as adversidades da vida, uma vez que realidade e sentimentos se misturam. Podemos assumir riscos, pensar criticamente, agir e experimentar sem medo de errar, porque se não der certo, foi só uma brincadeira. “Aprendi que o brincar é saudável e passei a reconhecer tudo isso

como um tijolo essencial para a construção de uma vida significativa” (LINN, 2010, p. 25).

Não podemos nos omitir diante de tais circunstâncias. É uma obrigação moral, social e ética garantir condições propícias às brincadeiras infantis, dado o relevante significado que tem para a vida da criança e para a construção de um mundo mais humanizado.

Podemos oferecer programas divertidos na televisão ou no computador, tecnologia e inovação nos brinquedos. Não são suficientes. A nossa sociedade está totalmente voltada para o mercado produtivo, o princípio que impera é a lucratividade, logo, os jogos e brinquedos são efêmeros. Muito cedo, ficam ultrapassados, instaurando-se assim, desde a tenra idade, o incentivo ao consumismo.

Muito se tem discutido sobre o domínio das telas e dos brinquedos eletrônicos, diante dos quais as crianças não interagem, ficando, por horas consecutivas, passivas ante as respostas programadas. Tais entretenimentos têm substituído, ou pelo menos diminuído substancialmente, o brincar criativo como atividade principal de lazer. Existe pouco espaço para a geração de criatividade e imaginação nessa explosão de imagens, cores e sons a que são submetidas as crianças, desde muito pequenas.

Não podemos esquecer que junto à veiculação de programas, personagens e propagandas estão inseridas mensagens sobre hábitos de vida, linguagens e valores que se tornam referências nos comportamentos de nossas crianças.

Outro aspecto importante a considerar é a precocidade com que as crianças entram nas escolas de Educação Infantil, bem como, a quantidade de horas que ali permanecem até que os adultos se desvincilhem de suas atividades e levem-nas de volta aos seus lares. Elas precisam de espaço, tempo, brinquedos e contato com a natureza. Elas precisam viver o seu tempo.

Por deter um papel importante, enquanto promotora de aprendizagens significativas e formadora de cidadãos conscientes, capazes de cumprir com seus deveres, a escola deve preparar-se, tanto em investimentos nos ambientes físicos, como na formação de seus profissionais. Os professores devem estar capacitados para dar a devida importância aos momentos destinados às brincadeiras.

Que se resgatem brincadeiras antigas, parte do patrimônio lúdico da humanidade, que pensem na criança que entra no Ensino Fundamental, para que não haja uma severa ruptura com sua infância, que as aulas sejam divertidas,

desafiadoras e desejáveis para todos. Que os professores gostem de brincar e, por isso, brinquem muito com seus alunos.

Então é isso! Motivos que validam a importância do brincar são mais do que suficientes para nos impulsionar a abraçar tão nobre causa. Devemos nos tornar agentes multiplicadores de ações que possibilitem o florescimento do eu criativo de cada criança através de saudáveis e alegres brincadeiras, em ambientes seguros e estimulantes. Relacionamentos afetivos que, simultaneamente, encorajam e transmitam confiança são essenciais nestes espaços físicos planejados.

É um desafio sim! Expandir novos horizontes nunca foi fácil, contudo as nossas crianças merecem a chance de se desenvolver plenamente, poder enfrentar e superar os desafios que, inevitavelmente, surgirão no curso de suas vidas, gerar novas ideias, crescer emocionalmente, se tornar cidadãos equilibrados no futuro e ser felizes no presente. Dito isso, celebremos a infância feliz, o direito de brincar, a alegria de viver, enfim, a vida em sua plenitude!

REFERÊNCIAS

ABSURDOS!! crianças pedindo esmolas. 2010. Disponível em: <<http://gsv-b.blogspot.com.br/2010/07/absurdos.html>>. Acesso em: 05 nov. 2012. Blog GSV.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

_____. **Exercícios de ser criança**. São Paulo: Salamandra, 2009.

BITTENCOURT JÚNIOR, Roberto. **Crianças trabalhando em casas de farinha**. 31 jan. 2008. Disponível em: <<http://haggai.com.br/noticias/338--projeto-pesca-viva-em-cairu-ba--2008>> - Acesso em: 05 nov. 2012.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 57 a 72.

BRASIL. **Decreto no 99.710, de 21 de novembro de 1990**. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Convenção sobre os direitos da criança, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99710.htm>. Acesso em: 03 set. 2012.

_____. **Lei Federal n.º 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 25 ago. 2012.

_____. **Lei Federal n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil/Secretaria de Educação Básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 25 ago. 2012.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego - Secretaria de Inspeção do Trabalho. **Focos do trabalho infantil**. Disponível em: <<http://sistemasiti.mte.gov.br/>>. Acesso em: 17 nov. 2012.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Cartilha sobre trabalho Infantil**. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D307400CA013075FBD51D3F2A/trabalho_infantil-mte-web.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2012.

_____. TST PNAD. **Dados da pesquisa nacional por amostragem domiciliar do IBGE, 2011- Ocupação de crianças por UF**. Disponível em: <<http://www.tst.jus.br/documents/2237892/2544819/Ocupa%C3%A7%C3%A3o+de+Crian%C3%A7as+por+UF+--+Total+e+Ocupadas%2C%20PNAD%2C%202011.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção: Questões da nossa época, v. 43).

CAMPANA, Fábio. **Brasil tem 1 milhão de crianças que trabalham**. 28 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.fabiocampana.com.br/2011/12/brasil-tem-1-milhao-de-criancas-que-trabalham/>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

CRIANÇAS invisíveis. Produtores: M. G. Cucinotta; C. Tileri; S. Veneruso. Paris Filmes: Itália, 2005. 1 dvd. son., color.

CRIANÇA trabalhando. 21 set. 2012. Disponível em: <<http://www.politicabrasileira.com.br/no-brasil-700-mil-criancas-explorada-no-trabalho-infantil/infantil/>> . Acesso em: 05 nov. 2012.

CRUZ, Ivan. **Biografia**. Disponível em: <<http://cdigoselinguagens.blogspot.com.br/2011/11/biografia-do-ivan-cruz.html>>. Acesso em: 15 out. 2012. Blog. Códigos e Linguagens.

CURTIS, Audrey. O brincar em diferentes culturas e em diferentes infâncias. In: MOYLES, Janet R. et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 39- 49.

DANTAS, Heloysa. Brincar e trabalhar. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 111-122.

DOLTO, Françoise. **As etapas decisivas da infância**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FORTUNA, Tânia R. Descobertas sobre a formação lúdica docente. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, ano 10, n. 31, abr./jun. 2012.

_____. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, L. M.; DALLA ZEN, M. I. H. (Org.). **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 147-164. (Caderno de Educação Básica, 06).

_____. Por uma brinquedoteca “suficientemente boa” In: OLIVEIRA, Vera Barros (Org.). **Brinquedoteca: uma visão internacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 162-179.

GRIFFITHS, Rose. A matemática e o brincar. In: MOYLES, Janet R. et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 170-186.

GUTFREIND, Celso. **A dança das palavras: poesia e narrativa para pais e professores**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2012.

HALL, Nigel. O brincar, o letramento e o papel do professor. In: MOYLES, Janet R. et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 135-147.

HISLAM, Jane. Experiências do brincar diferenciadas pelo sexo e pelas escolhas das crianças in: MOYLES, Janet R.et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 50-62.

HURST, Victória. Observando o brincar na primeira infância. In: MOYLES, Janet R.et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.p. 200-216.

JOSÉ, Elias. **Literatura – ler contar e encantar crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A importância do brincar**, 2011. (12min57s)
Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HpiqpDvJ7-8>>. Acesso em: 26 ago.2011.

_____. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Belo Horizonte, novembro de 2010.p. 01-20. Trabalho apresentado no I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas atuais.

_____. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

LINN, Susan. **Em defesa do faz de conta**. Tradução de Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

MOYLES, Janet R. e colaboradores. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos direitos da criança**, adotada pela Assembléia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959. Disponível em:
<http://198.106.103.111/cmdca/downloads/Declaracao_dos_Direitos_da_Crianca.pdf>
. Acesso em: 03 set. 2012.

PAES, José Paulo. **Poemas para brincar**. São Paulo: Ática, 1991.

PASCAL, Christine e BERTRAM, Tony. Avaliando e melhorando a qualidade do brincar. In: MOYLES, Janet R.et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.p. 187-199.

PRENTICE, Roy. Aprendizagem experiencial no brincar e na arte. In: MOYLES, Janet R.et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.p. 148-159.

QUINTANA, Mário. **Lili inventa o mundo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca!** Porto Alegre: Mediação, 1998.

SMITH, Peter K. O brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, Janet R.et al. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.p. 25-38.

TIRIBA, Léa. **Crianças da natureza**. Belo Horizonte, 2010.p. 01-12. Trabalho apresentado no I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas atuais.

_____. **Escola:** espaço de vivências do que é bom, alegre e, frente à vida, nos faz mais potentes. Brasília, 2005. Palestra proferida no Prêmio professores do Brasil.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem:** agora chega! Tradução de Alba Olmi. Porto Alegre: Artmed, 2005.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola.** São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 48).